

Então, é aquele sistema japonês, que acho deveria ser transmitido em todos os grupos: quando eles se aposentam, fazem aqueles grandes barrações, com box, em que eles continuam fazendo um trabalho, talvez diferente, como uma higiene mental, daquilo que já estavam organizados. Lá, nesses bairros, nessas cidades, as pessoas continuam atuando ativamente e recebendo um pagamento pelo que fazem. São movimentos de trabalho que ajudam ao idoso.

Por exemplo, quando fui em São João da Boa Vista, encantei-me com a Prefeitura de lá, porque, em cinco anos, eles conseguiram fazer maternidade, hospital, creche, uma porção de coisas, enfim. Perguntei: como é que em cinco anos vocês construíram tudo isso, quando vemos que quando um lança uma idéia os outros criticam, saem para não dar *quorum*? Eles responderam: não, aqui, em São João da Boa Vista, só brigamos politicamente quando os problemas são políticos, mas quando são sociais, nos unimos e fazemos uma trabalho para a comunidade.

E foi então que assisti a uma inauguração de 44 casas para idosos, que não aceitaram ficar na rua porque não podiam mais pagar as pensões. E a Prefeitura, o Prefeito e os Vereadores se uniram para fazer esse trabalho. E a casa não era um elefante branco, isolada da sociedade, mas ficava no centro da cidade. Quando os portões eram abertos, eles estavam ali, ao lado do boteco, da igreja, do cinema, quer dizer, continuam a viver a sua vida. Mas eles tinham trabalho para com a sociedade, não foram jogados naquela casa, como eram jogados nos asilos. Eles foram preparados por mais de seis meses pelas assistentes sociais para viver em comunidade e isso não temos em lugar algum deste País. Não existe esse preparação por assistentes sociais para que o idoso viva em conjunto. As casas eram bonitas, cada casinha para um. E eles faziam o trabalho da horta comunitária para ajudar a parte dos pracinhas, dos meninos. As mulheres trabalhavam na casa dos pracinhas, davam aulas para as moças e à noite eles tinham o salão para eles. À noite, eles dançavam, eles jogavam, conversavam depois de um dia aproveitado.

Não era daqueles asilos que a gente passa e vê aquelas pessoas, que foram grande no passado, ficarem com a boca aberta esperando a morte, como se fossem uns fantasmas. É o que se vê nos asilos de um modo geral.

O trabalho que realizamos o ano passado, na Secretaria de Saúde, foi no sentido de conselharizar os asilos e casas geriátricas, dando-lhes uma formação melhor, porque o importante não são os grandes monumentos, as grandes alimentações, pois o idoso, gente, somos nós e vocês que também vão ficar idosos. Não precisa ter uma casa maravilhosa. A pessoa tem que ter uma casa simples, uma alimentação simples, mas que tenha uma vivência de amor.

Orgulho-me de ter participado desse trabalho, como Psicóloga do grupo, porque muita gente era esquecida, ficava no asilo para espe-

rar a morte, mas agora elas produzem e vivem, e muitas pessoas podem voltar para a sua família, com produção. Por que não ligávamos para o idoso? Porque olhávamos o idoso como uma pessoa infrutífera, uma pessoa que não precisava de mais nada.

Temos que ver o idoso como o Senador Marcos Mendonças nos viu. S. Ex.<sup>a</sup> viu que eu estava com 67 anos, mas concluiu que eu ainda podia trabalhar e disse-nos: vamos fazer o Fórum Nacional da Terceira Idade.

Senador Marcos, eu nunca esqueço V. Ex.<sup>a</sup>, esse grande carinho e amor que teve para conosco. Não pensei em falar de V. Ex.<sup>a</sup> hoje. Foi uma coincidência.

Então, o que queria comentar era justamente isto: que não se pode tratar o idoso como uma pessoa que já foi, ele tem que ser tratado como uma pessoa que está aí, participando e atuando.

O Brasil já não é mais um País só de jovens, porque estão fechando as fábricas, estão limitando os filhos e, amanhã, vocês serão velhos sem jovens por perto, vocês vão viver, não uns setenta como eu, vocês vão chegar a uns oitenta, aos noventa, dentro de uma capacidade de produção, porque vocês vão encontrar esse desenvolvimento diferente que nossos pais não nos deram, pois não tiveram oportunidade, mas que queremos transmitir aos nossos filhos e aos nossos netos. E assim, estamos dando uma oportunidade que vocês nos deram agora.

Antes dessa última quinta-feira, não pensava que estaria aqui, falando. Todas às vezes que vocês quiserem, vou a qualquer lugar do país, para levar a mensagem de que o idoso não pode se alienar, não pode ficar só, não pode ficar de lado. Vocês já pensaram sair daqui aposentarem-se, e depois serem marginalizados, não serem ninguém? Agora, pensem um pouco, vocês estão em casa e ninguém liga mais para vocês. Ah, vovô, como vai? E a pessoa vai-se sentindo, vai-se amargurando, vai envelhecendo porque quer, porque ficou dentro de casa e se marginalizou.

Temos os nossos idosos de hoje assim, mas não podemos deixar para vocês que vão ficar, no futuro, idosos, sim, e uma das coisas que me chama mais atenção é que vocês vão ficar idosos em situação muito pior do que nós, porque nós somos poucos e vocês vão ser muitos. Acontece que vocês não vão ter uma coisa que também nós não temos, a não ser que comecemos agora, com vontade, para se realizar daqui a 5, 10 anos, talvez. Nós não vamos conseguir, mas vocês sim. É uma coisa que me chama sempre muita atenção quando se fala de idoso: é que vocês hoje têm gerontólogos, mas não têm geriátras.

Temos no Brasil uma faculdade, em Santa Catarina, que tem uma cadeira de geriatria. Não é a faculdade, é uma cadeira. Não há outra faculdade no Brasil que tenha cadeira de geriatria...

Por que nós não fundamos — vocês seriam os pioneiros — em cada Estado do País uma faculdade com uma cadeira de geriatria? Porque, hoje, envelhecemos, sabemos como? Com paliativos. Não temos remédio para as nossas

doenças. Nós tomamos calmantes. São paliativos o que os médicos dão. E sabem como eles são geriátras? Perguntei isso na Secretaria da Saúde: "Ah, mas nós trabalhamos dois anos num asilo". Trabalhar é parte prática, mas não é parte teórica. Vocês não têm o estudo. Vocês têm o que viram num asilo, numa casa geriátrica, que já é uma anormalidade para a pessoa humana. Não é a pessoa humana fisicamente continuar se transformando. Então, eu perguntei: por que vocês não querem ganhar esse nome de serem os pioneiros, de transformar um País? Na parte de pediatria vocês fazem tanta coisa para a parte jovem, por que não fazer para vocês no seu futuro? Porque vocês podem eliminar tantas doenças e podem ficar numa clarividência até o fim de suas vidas. Isso é uma coisa que estou trazendo porque são anos de luta e vocês não estão sentindo. Não adianta dizerem mais tarde: a Cecília bem que disse. Não, comecemos agora, para quando vocês envelhecerem terem em todos os Estados e não precisar fazer o nordesta vir para o Sul, porque cada Estado vai ter o seu.

Então, essa seria uma das primeiras providências que poderiam ser tomadas, e que depois cada cidade se preocupasse não em fazer asilo, não de casa geriátrica, porque para isso as pessoas terão atendimento médico. Pensem em vocês. Vocês gostariam de ir para uma casa geriátrica? Vocês vão dizer: eu não vou, sou rico. Não, não pensem nisso, porque, amanhã, a sua nora vai dizer para o seu filho: ou você ou eu, porque esse velho na minha casa derrubando toda a comida na mesa, não. E você, hoje, que é muito grande, vai ficar, no futuro, como os velhos de hoje. Então, tratem de eliminar isso do futuro, porque vocês têm essa possibilidade, vocês têm nas mãos o País, o que nós não temos, nós só temos as idéias para passar.

Acho que essas duas coisas vocês deviam lutar muito, primeiro, as indústrias que são pequenas e não têm condições de fazer cursos de pré-aposentados, que haja a possibilidade, no bairro ou na cidade, deles terem lugar de se reunir e que esses cursos sejam dados. Eles são muito necessários para o idoso não se alienar. E, depois, para a sua saúde, porque sem a saúde não adianta nada. E digo uma coisa para vocês: no futuro não vai precisar nem de asilo e nem de casa geriátrica, porque se vocês tiverem idéias, se quiserem alguma coisa terão condições de fazer sem precisar se, alienar e se encostar dentro de uma casa geriátrica.

Eu não sei se passei alguma mensagem. (Palmas.)

O SR. — Excelente, Dona Cecília.

A SRA. CECÍLIA PEDRO MARTINELLI DE SOUZA — Vamos ter outras oportunidades ainda não é?

O SR. — Sem dúvida.

A SRA. CECÍLIA PEDRO MARTINELLI DE SOUZA — Vão fazer algum encontro para debatermos os nossos interesses da aposenta-

doria? V. Ex<sup>as</sup> vão lutar pelo nosso 13º? Vão fazer alguma coisa? Se V. Ex<sup>as</sup> não fecharem isso, ficarem em aberto, cuidado, vejamos o que aconteceu com o Sr. Sílvio Santos. Será que o Presidente, ainda no princípio do ano, não vai aproveitar um pouquinho daquilo que é nosso? Ou o novo Presidente não vai aproveitar o que está em aberto e transformar em algo um pouco diferente? Por que desde 25 de outubro do ano passado não foi "amarado" o problema da terceira idade, o problema do aposentado? Os nossos direitos de que 13º seja igual ao salário de dezembro? O de 88 nós não recebemos ainda, está com defasagem? V. Ex<sup>as</sup> não esqueçam de nós. V. Ex<sup>as</sup> não têm esse problema, porque com oito anos, mesmo quando o político não funcionou e o povo não votou nele, ou ele não foi capaz de resolver o problema do povo, o político é aposentado muito bem, não com o dinheiro dele, não sei. Será que é com o nosso? Talvez seja por isso que há um rombo na aposentadoria. Não tem nada a ver com o que eu falei. Era uma pergunta que eu estava louca para fazer.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Patrocínio) — Esse é um assunto muito complexo e evidentemente esta Comissão, que foi criada graças ao espírito público do Senador Jutahy Magalhães, e quando instituímos esta Comissão o pensamento era evidentemente proteger todo o idoso brasileiro, não só nos seus problemas de geriatria ou de gerontologia, mas também no que diz respeito ao aspecto dos seus vencimentos que estão defasados, os idosos conseguiram muitas vitórias na Constituição, mas que por enquanto ainda está no papel. O nosso intento evidentemente é lutar para que vocês sejam ouvidos nessas reivindicações.

A SRA. CECÍLIA PEDRO MARTINELLI DE SOUZA — Acha V. Ex<sup>a</sup> que todo brasileiro é um cidadão? Se ele é um cidadão, por que ele tem de estender a mão para pedir o leite, para pedir o pão, para pedir o passe do idoso para poder ter o meio de transporte? Por que ele tem de estender a mão quando ele pode, com aquilo que lhe é de direito, que lhe é de justiça, ele mesmo pagar o leite, pagar o pão e pagar o seu transporte? Por que tem de se chamar benefício? Isso eu já falei duas vezes no Fantástico reclamando. Benefício é aquilo que a gente recebe. Eu não estou recebendo nada. Aquilo não é favor, aquilo é de direito. Pelo contrário, estão me tirando uma parte que me é de direito, porque eu descontei para minha aposentadoria quarenta e dois anos de professora. Então, eu pergunto: onde ele está? Essa palavra benefício tem de mudar, enquanto foi benefício nós nunca vamos conseguir nada, porque o Governo acha que está nos beneficiando, pois sendo benefício nós não podemos reclamar. Tirando o nome benefício nós podemos reclamar. É uma segunda "bola" que eu entrego nas mãos de V. Ex<sup>a</sup>. Quem sabe?

O SR. PRESIDENTE (Carlos Patrocínio) — Gostaríamos de passar a palavra à Irmã Maria Luíza, Presidente no Brasil da Associação Luíza de Marilac.

A SRA. IRMÃ MARIA LUÍZA — Nobre Senador Jutahy Magalhães, tenho o costume de falar para o povo. Então, hoje estou muito acahnada. Vou ser breve. Gostaria de falar com vocês que meu fio condutor — por que não posso dizer? — começou na Bahia, em Salvador. Em 1960, muitos de vocês não eram nascidos, a Bahia foi o berço para o segundo Congresso Nacional da Associação Luíza de Marilac e quem nos recebeu com muito amor e carinho só podia ter sido o Governador da Bahia Juracy Magalhães. Foi maravilhoso e a maior caravana foi a de São Paulo. Imaginem vocês que era Governador de São Paulo o Sr. Carvalho Pinto, mão fechada, e eu consegui ter um avião direto da VASP — era um escândalo, não é? E eu estava justamente terminando o meu curso de Trabalhador Social e defendi a tese sobre o aspecto negativo da assistência à velhice no Brasil e a necessidade de modificar os asilos, denominando, assim, de antecâmara de morte. Quase que eu apinho, não pelos bianos, mas pelas minhas companheiras, porque eu estava propondo mudanças nos asilos, falando em vida afetiva do idoso.

Foi muito perigoso para mim. Quase me expulsam; mas estou aqui.

Comecei meu trabalho com propostas novas. A tese foi queimada, mas levei-a para São Paulo, e lá começamos a angariar e a conscientizar os usineiros e toda a sociedade. E a Cidade dos Velhinhos surgiu — o Senador Marcos conhece, pois foi diversas vezes lá. Trabalhamos também com refugiados, a maioria de russos brancos.

Tenho lutado muito pela Cidade dos Velhinhos. Quando se é nova, bem novinha, faz-se muita bobagem. Hoje eu jamais faria um projeto de Cidade dos Velhinhos. Lugar de velho não é no asilo: lugar de velho é no seu lar. Mas a sociedade patriarcal caiu. Será que a sociedade nuclear tem lugar para o idoso? só quem está dentro do problema é que sabe.

Nosso escritório é em Santa Cecília, onde temos mais de 400 cortiços. Não vou nem falar do que seja a vida dos idosos em cortiços na Grande São Paulo. Não sei para quem é pior: se para os que estão nos cortiços ou para os que estão nas favelas.

Sou agressiva, porque trabalho em área agressiva. Costumo dizer para as minhas companheiras que o meu apelido em São Paulo é "derruba congresso". Falar é muito bom, mas o idoso continua a morrer de fome.

Trouxe para V. Ex<sup>as</sup> uma mensagem bem pequena do Senador Mário Covas. Na nossa primeira assembleia do idoso, na Casa de Portugal, com movimentos populares, Mário Covas disse o seguinte: "Enquanto o velho se sentir como uma seringa descartável, todos nós, brasileiros, teremos uma profunda vergonha, pois, em qualquer país sério, reverenciava-se o papel do idoso".

Disse isto, ontem, o Senador Mário Covas, candidato dos Tucanos à Presidência da República, a uma platéia de 1.200 idosos, numa assembleia organizada pela Associação Luíza de Marilac. E é isso mesmo. O idoso é considerado como uma seringa descartável. Ele não tem cidadania.

Já participei de diversos congressos. Faz um mês que vim do Canadá, do Panamá, da Costa Rica, convidada pelos Bispos — não os Bispos vermelhos, porque não resolvem nada — do celam; para tratar dos assuntos da Pastoral do Idoso no Brasil.

Quando fizemos os primeiros foros de integração do idoso na sociedade brasileira, o Senador Marcos estava no primeiro mandato de vereador. Eu cheguei lá e disse: "O Senhor vai ceder a Câmara Municipal para o primeiro congresso dos idosos, porque Câmara é povo. Aqui é a Casa do povo, e idoso é povo".

Estou muito feliz por estar com V. Ex<sup>a</sup> aqui. V. Ex<sup>as</sup> têm muitos problemas, mas esse é de grande emergência. O idoso já trabalhou, a Nação tem uma dívida imensa para com o idoso. Onde ele está? Ele é o grande desconhecido. A face do idoso, o rosto ansioso do idoso me dá angústia; é o meu peso e a minha dor.

Só tem uma saída: os próprios idosos serem agentes transformadores deste País que está em mudança. Eles têm que ir para a ativa. Por isso que saio, vou para Araçatuba — tenho lá uma platéia de mais de 1.500 idosos. Estamos politizando os idosos, para que, neste momento, eles não sejam os coitadinhos. Eles não precisam de passe, nem de leite; eles precisam dos seus direitos. Quando tiverem aposentadoria justa, não precisarão de companhia.

Costumo dizer que os idosos não precisam de muletas. Tudo isso que dei até agora, eu, Maria Luíza, e todos vocês foram muletas. Eles precisam de direito e, quem sabe, talvez, de mulatas. (Palmas)

Muito obrigada. Sou agressiva, mas nortista é assim.

O SR. RELATOR (Jutahy Magalhães) — Só espero que a senhora não derrube este Congresso. (Risos)

O SR. PRESIDENTE (Carlos Patrocínio) — Declaramos abertos os debates e os questionamentos. A palavra está franqueada para quem dela quiser fazer uso.

Com a palavra o eminente Senador Jutahy Magalhães.

O SR. RELATOR (Jutahy Magalhães) — Sr. Presidente, quando assisto a uma reunião como a de hoje, fico satisfeito de ter tido a idéia, logo abraçada por V. Ex<sup>a</sup> e pelo nobre Senador Marcos Mendonça, que tem nos honrado aqui com a sua participação, é um Suplente dos mais eficientes que já vi passar aqui pelo Senado. E tivemos a felicidade de contar com a colaboração de S. Ex<sup>a</sup>, inclusive com a idéia dos convites, para hoje, de Dona Cecília e da Irmã Maria Luíza.

Quando pensei em fazer esta Subcomissão, minha intenção era de buscarmos sair do discurso para conseguirmos alguma coisa prática em favor dos idosos. E teríamos que ouvir as pessoas que convivem com esse problema quase no seu dia-a-dia. E é o que estamos fazendo.

Ouvi, com emoção, esses três depoimentos. Gostaria de ter o poder de levar a idéia, de vender a idéia dos idosos aos nossos compa-

nheiros da Comissão de Orçamento, por exemplo.

Tive oportunidade de apresentar uma emenda, quase um paliativo, de sete milhões de cruzados para a criação de centros de convivência em diversos Estados, naqueles em que o dinheiro desse — sete milhões de cruzados no valor de maio de 1989 — hoje valeriam mais alguma coisa. Na Comissão de Orçamento, disseram-se que o Relator-Geral, que é do meu Estado, meu adversário, não será favorável a essa emenda, porque considera que os idosos já estão atendidos no Orçamento.

Ora, todos sabemos que praticamente não existe um centavo sequer para uma política dos idosos. Sabemos que os recursos que estão no Orçamento para a Legião Brasileira de Assistência são ínfimos. Ontem estive em meu gabinete Dona Maria do Carmo Vilaça, visitando-me para conversarmos a respeito dessa emenda. Ela mesma declarou que os recursos de que dispõe hoje são praticamente todos para creches. Não há recursos para os idosos. Pedi-lhe, então, que procurasse falar com o Relator-Geral e com o Sub-Relator, que é o Deputado Pontes, e o tentasse convencer, porque eu não estou conseguindo vender essa idéia. Disse-lhe, ainda, que, se ela conseguisse que a Dona Marly desse um telefonema para o Deputado Eraldo Tinoco, tenho certeza de que S. Ex.<sup>a</sup> cederia. Ela disse que estaria ontem com Dona Mary. Não sei se conseguiu isso.

Agora, peço a ajuda de quem foi tão convicente nesta Subcomissão. Cheguei até a ter a idéia de pedir a gravação para levá-la à Comissão de Orçamento e deixar que os depoentes de hoje falassem por mim na defesa dessa emenda. Eu pediria socorro aos três depoentes. Hoje ou amanhã no máximo o parecer vai ser dado. Não sei se ainda hoje de noite. Eu, por exemplo, às seis horas deveria estar lá, dando o meu parecer sobre o Banco Central, mas deixa atrasar, não tem problema. Pediria aos depoentes que pelo menos falassem com o Deputado Eraldo Tinoco e tentassem convencê-lo de dar essa migalha, esses recursos, que não darão para atender às necessidades de criação de centros de convivência em cada Estado brasileiro.

Essa idéia surgiu também de depoimentos passados. Procuramos logo transformá-la em algo prático. Hoje surgiram novas idéias. Dos depoimentos aqui prestados poderemos tirar novas idéias. Poderemos ter também condições de buscar soluções. Uma das razões dessas reuniões é exatamente procurar saber, procurar idéias, e estamos pedindo sugestões a outros interessados sobre a matéria através de documentos escritos, para termos a possibilidade de, — uma coisa que é do papel, vai ficar muito no papel — pelo menos, criar uma política dirigida para os idosos, através de uma lei, de uma legislação, para depois atentarmos para que seja cumprida a lei.

Então, essas sugestões que buscamos são nesse sentido, também, porque temos, de forma genérica, colocado na Constituição a proteção, a assistência aos idosos, mas temos que transformar em alguma coisa prática, por-

que considero que é um absurdo estarmos hoje com um crescimento constante dessa faixa etária, da terceira idade no Brasil, e temos uma projeção para o ano 2.010 de 32 ou 34 milhões de idosos no Brasil e não temos nada feito; temos ações praticamente isoladas, temos a ação das Irmãs, temos a ação de pessoas voluntárias, temos o SESC, temos a Legião Brasileira de Assistência, mas o que é isso? O que isso está atendendo? Qual é a faixa da terceira idade que a ação de tantos abnegados tem conseguido atender? Considero que isso é praticamente nada!

— Acho que uma das coisas que todos desejamos é chegar a ser idosos. Eu estou chegando. Já cheguei no limite da faixa de 60 anos — com 60 anos estou na faixa dos idosos. Mas todos queremos chegar a mais com os recursos que a ciência está possibilitando à população como um todo. Então, podemos ver essa questão da escola aberta à terceira idade, cursos para aposentados, cadeiras de geriatria, os direitos dos aposentados. Não é benefício, também não considero que seja benefício, esse é um direito do aposentado, um direito que também temos procurado defender, inclusive, na presença do Ministro da Previdência, mostrando que não poderíamos abrir mão — e daqui o Congresso brasileiro com um todo tomou a atitude de evitar os cortes que foram propostos pelo Executivo quanto ao regime dos aposentados, porque não queriam que incidisse o aumento real do salário mínimo aos aposentados. O Congresso votou entendendo que aquilo era um direito adquirido, não era um benefício do Executivo que pudesse ser retirado, portanto, a qualquer momento. Mas tudo é pouco; é pouco mas acho que — vou recorrer ao Mao Tsé Tung, que diz que "toda grande marcha começa com um primeiro passo" — tudo que pudermos fazer, poderemos juntar esforços para irmos atendendo cada vez mais a essa faixa.

A primeira idéia que procuramos transformar foi a do Centro de Convivência. Peço o socorro de cada um, se puderem, para que procurem falar com o Relator-geral da Comissão de Orçamento, tentando convencê-lo da necessidade de atender a essa emenda, para podermos ter condições de construir mais alguns Centros de Convivência. Sei que os senhores têm encontros nacionais, encontros regionais sobre o problema dos idosos e que, no primeiro encontro que participarem procurem achar sugestões para a proposta de uma política dos idosos, através de legislação própria. Se puderem enviar sugestões a esse respeito, elas seriam valiosas, porque a idéia é encerrarmos este trabalho ainda neste ano. Mas não vai ser fácil chegarmos lá, estamos perto do final do ano, mas logo no reinício dos nossos trabalhos, esperamos concluí-lo, o que daria tempo de, nesse intervalo, os senhores conseguirem as sugestões para nós.

D. Cecília, as nossas aposentadorias não são como os jornais dizem. Eu tinha vergonha de dizer, um companheiro meu, um grande amigo meu, até já morreu, o Senador Ruy Santos, passou quase 35 anos no Congresso; a viúva dele recebia, aqui, como um benefício,

depois de 35 anos de uma vida parlamentar, em que todos nós só podíamos aplaudir o que fazia pelo trabalho que executava, a viúva dele recebia, até há poucos dias, mil e poucos cruzados.

Então, vejam que há uma diferença muito grande entre o que os jornais declaram e a realidade, diante do abatimento do pagamento, a título de contribuição, que nós também fazemos. Aqui não é uma aposentadoria. Mas aquilo que se recebe é, também, devido à contribuição, e proporcional ao tempo. Quando falam: "ah, com oito anos está se aposentando, tem direito de fazer alguma coisa..." Oito, trinta e cinco avos daquilo que se recebia como parte fixa e variável, que era uma aparte pequena do que recebíamos. Mas isso apenas **en passant**. Desejo agradecer e, à senhora, D. Cecília, pedir que fizesse mais algumas manifestações como a de hoje, como também a Irmã Maria Luiza, — o Dr. Osvaldo foi mais comedido — porque acho que se a senhora pudesse falar no plenário do Senado, a senhora aprovaria tudo — (risos), e nós estamos precisando de gente assim.

No Congresso temos falhas terríveis, temos que nos cobrar um trabalho que deveríamos fazer com mais eficiência, mas temos aqui os acertos e defeitos de uma sociedade — porque representamos uma sociedade —; temos também muitos assuntos que não saem do Plenário do Senado. Repito muito que se em Senado, um Deputado quiser se reeleger em razão da sua ação parlamentar, está perdido, porque ninguém toma conhecimento da ação parlamentar de nenhum dos dois.

Todos somos culpados, mas, no entanto, sabemos que temos um número razoável de companheiros que estão sempre presentes, estão sempre atuantes, estão sempre trabalhando e isso, no meu último volume sobre minhas atividades parlamentares, botei na capa assim: "Antes de julgar o seu representante, procure tomar conhecimento do que ele faz em Brasília". E raramente alguém tem esse conhecimento.

A desinformação é muito grande e chega ao ponto de termos nas pesquisas ao final de um mandato do Presidente ao qual critico aqui quase que diariamente, mas é um Presidente da República. Com cinco anos de mandato, o nome dele falado na televisão, nas rádios etc., e 20% do eleitorado não sabia o nome do Presidente da República do Brasil.

Se os senhores fizerem uma pesquisa em qualquer Estado — isso foi feito no Rio de Janeiro —, para que o eleitorado dê o nome de um dos três Senadores representantes do Rio de Janeiro — e, na época, os representantes eram Saturnino Braga, Nelson Carneiro e Amaral Peixoto, três nomes muito conhecidos no Rio de Janeiro —, o máximo foi Amaral Peixoto, que conseguiu ser conhecido pelo seu eleitorado em 50% porque, infelizmente, se vota é no número, não se vota no nome. Então, tudo isso faz parte da sociedade.

Aqui, representamos essas parcelas da sociedade, e todos nós somos responsáveis, todos temos que tentar melhorar cada vez mais. E um ponto sobre o qual agora me dedico.

embora também me dedique aos menores, hoje é à questão dos idosos. Porém, sou quase que um leigo e preciso da ajuda de todos que conheçam esse problema. Tenho-me socorrido um pouco de um amigo meu, na Bahia, o Dr. José Ramos Queirós, que faz parte desses encontros, e ele tem inclusive sugerido nomes.

Mas esta reunião, para mim, foi gratificante pelo aspecto emocional, inclusive, mas também pelos dados concretos que aqui surgiram. A nossa assessora que está assistindo, e que será a responsável pelo trabalho final da Comissão, está anotando tudo isso e vamos tentar transformar em alguma coisa prática as sugestões que aqui foram feitas.

Para finalizar, perguntaria ao senhor que é do Sesc, Dr. Oswaldo: sou um fã, muito grande, de esporte, o meu atual físico não mostra que fui praticante de esporte: fui remador, fui jogador de basquete, jogador de voleibol, nadador etc. Hoje não parece, mas já passei por tudo isso praticando, em clubes, praticando com grande interesse o esporte amador. O Sesi faz olimpíadas de trabalhadores. Não se poderi pensar numa olimpíada de idosos? Para que não houvesse um gasto muito grande far-se-ia os jogos estaduais, os regionais e no final seriam feitos os jogos nacionais, onde competiriam os vencedores. Então, para colocar os idosos também na prática de esportes, que muitas vezes são esquecidos numa faixa etária como o meu caso, com 25, 30 anos eu já estava veterano e não fazia mais nada, mas acho que também seria uma forma de se tentar fazer esses encontros que V. S. fez referência. Esta é uma sugestão para ver se será viável ou não.

O SR. OSWALDO G. DA SILVA — Como resposta à pergunta de V. Ex<sup>a</sup>, posso dizer que no SESC de São Paulo já temos, de uma certa maneira, esse tipo de trabalho. Não se trata de uma olimpíada, mas de algumas unidades operacionais, sobretudo as da Capital, que têm monitores de esportes que se especializam nas práticas esportivas com regras, regulamentos adaptados à idade dos idosos e temos um outro tipo de evento que é o Encontro de Esporte e Cultura da Terceira Idade, realizado todos os anos na Colônia de Férias do SESC, em Bertioga, litoral paulista, onde privilegiamos também esse tipo de atividade. Essa é uma atividade que existe praticamente só no SESC de São Paulo, porque quando reunimos outros grupos, em nível nacional, damos primazia à discussão dos problemas de saúde, previdência e outras reivindicações e não temos tempo para programarmos atividades esportivas nessas ocasiões, primeiramente pela falta de equipamentos que suportassem a afluência desses idosos e, em segundo lugar, também, por causa da diversidade de atividade que não permitem um tempo maior disponível para esse tipo de atividade. Mas, é um pensamento, inclusive, da Regional de São Paulo, trabalhar essa idéia, a partir de 1990, de uma maneira mais profunda, voltando a sua atenção para esses aspectos físicos da terceira idade e, quem sabe, possamos levar

essa idéia para se fazer uma olimpíada, ao invés de encontro nacional, dentro daquelas características que costumamos fazer; quem sabe fazer um encontro nacional, mas baseado em atividades físicas, tipo olimpíada? Esta sugestão acredito será muito bem aceita.

O SR. RELATOR (Jutahy Magalhães) — Fazem isso com deficientes físicos, com outras faixas, mas tenho só que agradecer a presença, o depoimento dos três: Dr. Oswaldo, D. Cecília e Irmã Maria Luiza.

Irmã Maria Luiza, fico mais satisfeito de saber que esteve lá na Bahia e foi recepcionada, inclusive pelo meu pai — espero que tenha comido um bom vatapá, uma muqueca de camarão, e tinha os beijuzinhos que minha mãe mandava fazer e que eram muito gostosos.

Agradeço não só o depoimento como; também, a possibilidade de transmitir esta emoção que senti, e que acredito outros que estão aqui também estão sentindo, pelo amor que é dedicado ao trabalho, o trabalho em benefício dos idosos. Senador Marco Mendonça, fico mais feliz em saber que V. Ex<sup>a</sup> tem grande responsabilidade, também, porque tem uma participação nesse trabalho. Portanto, V. Ex<sup>a</sup> nos tem ajudado e vai nos ajudar mais ainda para que possamos tornar realidade um pouco daquilo que imaginamos poder fazer em benefício dos idosos.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Patrocínio) — Com a palavra a Sra. Cecília Pedro Martinelli de Souza.

A SRA. CECÍLIA PEDRO MARTINELLI DE SOUZA — Acho que entendi mal quando recebi o convite, porque entendi que iam ouvir e, talvez, pudessemos participar de debates, se houvesse. Se soubesse que ia ter esse prazer eu teria preparado alguma coisa melhor, e peço desculpas, porque poderia ter apresentado um trabalho mais denso, de maior interesse, não seria assim espontâneo, como fiz, uma coisa mais aproveitável.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Patrocínio) — Creio que seria difícil preparar algo melhor, D. Cecília.

O SR. RELATOR (Jutahy Magalhães) — A Senhora pode remeter toda e qualquer experiência, por escrito, que deseja fazer com que a Comissão tome conhecimento.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Patrocínio) — Com a palavra, pela ordem, o eminente Senador Marcos Mendonça.

O SR. MARCOS MENDONÇA — Sr. Presidente, Sr. Relator, as pessoas que nos honraram com suas presenças, Srs. Debatedores, primeiro eu gostaria de agradecer a fala generosa do Senador Jutahy Magalhães, que propiciou a criação desta Comissão e que, não tenho dúvida, trará resultados extremamente positivos com relação à questão e a problemática do idoso. Quero agradecer a presença do Dr. Oswaldo, da D. Cecília, da Irmã Maria Luiza que, sem dúvida alguma, trouxeram com as suas experiências uma grande contribuição para que esta Comissão possa, real-

mente, desenvolver um trabalho primoroso e que indique o sentido de uma melhor solução da questão do idoso.

Eu queria ressaltar um pouco algumas das questões que o nobre Relator, Senador Jutahy Magalhães, colocou, quer dizer, há necessidade vital do País, neste instante, criar a consciência da existência de uma política para o idoso. É fundamental e acho que esta Comissão pode desenvolver um trabalho muito rico nessa questão, exatamente por permitir que a sociedade tome conhecimento dessa questão; participe do debate e permita a incorporação disso tudo numa legislação, e não só na legislação em si, mas, também, a nível prático para termos amanhã a prática junto a entidades, a incorporação de entidades que executam esse trabalho, essa luta.

Aqui me indagava, há alguns instantes, Senador, porque vejo o Sesc numa atitude muito positiva, muito firme na questão dos idosos. Tivemos aqui, em outra reunião, a participação primorosa de representantes do Sesc aqui de Brasília, que deram a sua contribuição, e hoje tivemos a experiência de um dirigente e a experiência de uma militante. Poderemos observar que o Sesc tem um papel muito grande.

Indago-me se não será possível tentarmos a incorporação de outros organismos como o Sesi, que é um organismo similar, as suas finalidades são similares às finalidades existentes do Sesc. Por que o Sesi não pode se incorporar também e auxiliar, ele que tem uma massa de recursos talvez até superior, muito maior a nível de arrecadação do que o Sesc, ou dar a sua contribuição?

O que notamos é que há uma dificuldade do Poder Público, no geral, em alocar recursos. O Senador Jutahy Magalhães coloca como apelo, desesperado até algo patético, que as pessoas que estejam aqui façam pressão sobre o Relator da questão orçamentária para que consiga, na realidade, a fração de uma migalha, que iria contribuir, em muito, para que essa questão fosse adjante. Mas o que sentimos é que há necessidade de todos esses organismos participarem ativamente dessa questão, e aí acho que essa Comissão pode exercer um papel muito rico.

Eu gostaria que a Cecília, a Irmã Maria Luiza, que têm contribuído em muitos debates, têm participado dos debates a nível nacional, local, regional, em São Paulo, e a nível internacional, é que têm conclusões muito importantes desses debates, possam trazer suas contribuições por escrito. Parece-me que a Cecília já trouxe uma carta de São Paulo, mas que possam — não sei se estes trabalhos serão transcritos no *Diário do Congresso*, — em alguma oportunidade, trazer as suas conclusões, de tal maneira que possam ser levadas, divulgadas o máximo possível e incorporadas, tenho certeza, pelo Relator que irá examinar essa questão.

Fica aqui um apelo para que elas tragam essa contribuição e, na medida do possível, o nobre Relator possa incorporá-las quando do seu relatório.

Eu gostaria de deixar, por derradeiro, esse agradecimento e, sem dúvida alguma, a con-

vicção de que esta Comissão tem um papel importante a exercer e está exercendo na vida social brasileira, nessa questão dos idosos.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Patrocínio) — Com a palavra a Irmã Maria Luíza.

A IRMÃ MARIA LUÍZA — Percebi a sensibilidade dos Senhores e gostaria de colocar o nosso escritório, que fica num dos bairros de São Paulo onde tem os maiores cortiços, justamente no centro, onde é muito freqüentado pelo Senador Marcos Mendonça.

Eu gostaria de falar que antes do Senador Marcos ser "tucano, S. Ex<sup>a</sup> já era "Marilac" porque S. Ex<sup>a</sup> é um dos nossos conselheiros, Mário Covas faz parte também de um trabalho muito sério — acredito muito nele e também nesse trabalho de vocês. O importante é a gente acreditar em si, no trabalho, e hoje estou acreditando no trabalho dos políticos, desses políticos, pelo menos, eu estou acreditando.

Temos 30 anos de experiência, 30 anos de trabalho. É um laboratório muito positivo onde tem páginas e departamento também muito tristes. Fica justamente lá, e a Cidade dos Velhinhos está aberta para estágio na área de Gerontologia, de Geriatria, a Casa de Repouso Mila. Nós não temos um asilo, quer dizer, um hospital estatal para colocar os doentes crônicos que lá estão. Fazemos parte do Estado mais rico da Federação onde eles apódecem abaixo das pontes. O que fazer?

Ontem tive 12 pedidos de internação e não tenho condições de atender. E o Governo não repassa verba para nós. Somos perseguidos. Muitas vezes somos tratados pelas nossas colegas da área, Assistentes Sociais. Falo isso porque faço parte da Secretaria de Vigilância Sanitária com a Cecília e mais a minha Superiora na Cidade dos Velhinhos, para que se criem um estatuto, a fim de que possam funcionar essas casas não como depósitos.

Temos todo esse trabalho e também a experiência da ONU, da qual faço parte, estou lá no Bureau da ONU, dado o meu trabalho com a Fundação Tolstói, e na Assembléia Mundial do Envelhecimento, quando fui representar São Paulo. Tenho todo esse trabalho para V. Ex<sup>a</sup> posso mandar videocassete, fitas grava-

das e tudo, dou minha contribuição pádua, porque acho que os idosos, eles mesmos, podem dar a sua contribuição.

O Senador Marcos Mendonça quando foi Presidente abriu, escancarou as portas, e nós tomamos conta da Câmara, mas com muito respeito, e acabei sendo expulsa do Conselho Estadual do Idoso, porque ninguém pode falar a verdade neste País. Eu não falei de aposentadoria, mas fui. Porque creio que quando um órgão não funciona, temos que botar a boca no mundo, não vamos brincar com coisas sérias. Por isso é que estou aqui, porque não posso perder meu tempo. Acho que não perdi meu tempo hoje, aprecio demais o trabalho do Sesc, aprendi muito com V. Ex<sup>a</sup>

Gostaria de vir mais vezes aqui e trazer alguma coisa para V. Ex<sup>a</sup> que podem pedir, cobrar, tenho trabalhos maravilhosos do Senador Marcos Mendonça, da sua participação. Muito obrigada. Obrigada pelo fato de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Jutahy, ser filho do Governador, que nos acolheu com tanto amor e tanto carinho. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Patrocínio) — Concedo a palavra ao nobre conferencista Dr. Osvaldo Gonçalves da Silva.

O SR. OSVALDO GONÇALVES DA SILVA

— Quería apenas colocar o seguinte: nós, que trabalhamos com os idosos, sentimos uma certa falta de coordenação de todo esse trabalho disperso, migalhado que se realiza no Brasil inteiro. Acredito que esse momento é muito propício para que se crie, quem sabe, um órgão ou coisa semelhante, que possa reunir todas essas forças, a exemplo de outros países, como na França, onde existe o Ministério de Assuntos para Idosos. Toda ação em favor do idoso é coordenada por este ministério.

Não estou sugerindo que se crie um ministério, mas alguma coisa que possa unificar esse trabalho, porque, enquanto esse trabalho ficar disperso, acredito que não vamos avançar tanto quanto seja desejado. E a exemplo da Cecília e da Irmã Maria Luíza, eu gostaria também de colocar aqui a nossa experiência e a nossa disponibilidade para que, juntos, nós, do SESC, e esta Comissão possamos

continuar contribuindo e que a nossa contribuição não se restrinja, não se limite apenas a esta contribuição do dia de hoje. Nós nos colocamos à disposição. Também dispomos de trabalhos documentados, como videocassetes. Acho que é muito interessante, porque o papel é, às vezes, muito frílo, e, dependendo do expositor, sobretudo de um técnico que, pela profissão, não deve se inflamar muito e sim colocar as coisas de uma maneira objetiva, muitas vezes ele tem que se policiar e não ter arroubo como a Cecília. Mas a Cecília conhece o nosso trabalho e sabe que nós, técnicos, quando estamos com eles, nos encontramos, também nos sentimos bastante entusiasmados, porque vemos que este será o nosso futuro, o caminho para nós também. E, confiados nos resultados que obtemos continuamos perseguindo com todo afínco esse objetivo.

Então, renovando mais uma vez a minha disponibilidade, nós, no SESC, estamos à inteira disposição e, na medida do possível, poderemos atender os pedidos dessa Comissão.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Patrocínio) — Como ninguém mais quer fazer uso da palavra, reiteramos mais uma vez a necessidade de que tudo aquilo que foi aqui debatido, discutido, nos seja enviado, por escrito, junto com outros subsídios que possam aparecer, dada a experiência que vocês têm no ramo.

Gostaríamos de enfocar que esta Comissão é composta de voluntários, dadas as ligações que existem entre os componentes e os idosos. Temos certeza de que deveremos, com a colaboração de vocês, vencer os obstáculos, os óbices que evidentemente existem, e haveremos de conseguir alguma coisa de realmente positivo em benefícios dos nossos idosos, até mesmo as quiças, mulatas para os nossos aposentados.

Agradecemos a presença do conferencista, Dr. Osvaldo, da eminente Cecília Martinelli, da Irmã Maria Luíza, e os nossos parabéns especiais ao eminente Senador Marcos Mendonça, pela felicidade de trazer pessoas tão simpáticas e ilustres a nossa Subcomissão.

Está encerrada a reunião.